

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
24 de Março de 2025  
A CINEMATECA COM A MONSTRA

**POHÁDKA O HONZÍKOVI A MARENCE / 1980**  
**“A História de João e Maria”**

*Um filme de Karel Zeman*

*Argumento e direção artística:* Karel Zeman / *Desenhos:* Valentin Javorik, Helena Lebedová, Jitha Maslánová, Ludmilla Spolená, Alina Vickerová / *Animação:* Karel Zeman, Arnout Kupcik, Sylvie Sedlarová, Eugen Spaleny / *Música:* Karel Svoboda / *Montagem:* Ivan Matous / *Som (mono):* Radomir Koutek / *Vozes:* Otokar Brousek (*narração*), Antonín Procházka (*Honzik*), Nada Kouvalinková (*Maria*), Helena Vondrácková (*Maria quando canta*), Frantisek Filipovsky (*os anões*), Jaroslav Moucka (*o Cavaleiro Matej Beran*).

*Produção:* Estúdios Gottwald (Praga) / *Cópia:* do Národní Filmový Archiv (Praga), digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em português / *Duração:* 65 minutos / *Estreia mundial:* Praga, 1 de Novembro de 1980 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

Com Jirí Trnka, que trabalhava quase exclusivamente com bonecos, Karel Zeman (1910-89, morreu menos de seis meses antes da “revolução de veludo”) é o mais conhecido realizador da ilustre escola de animação surgida em Praga em meados dos anos 40, ainda antes da instalação de um regime comunista na então Checoslováquia, o que ocorreria em 1948. Durante muito tempo, mais de vinte anos, os críticos e historiadores de cinema que tinham poucas simpatias políticas pelos Estados Unidos ou que tinham uma noção algo estrita do que era “arte” no domínio do cinema (personalidades tão diferentes quanto Chris Marker e Georges Sadoul), valorizaram o “teor artístico” do cinema de animação checo, opondo-o ao “comercialismo” do cinema americano, ao passo que os incondicionais da animação americana morriam de tédio diante das supostas “chatices” dos filmes checos. A diferença entre as estas duas escolas de animação é absolutamente abissal, mas isto em nada implica a noção de maior ou menor valor artístico e sim profundas diferenças culturais e económicas. De um lado, havia uma produção não forçosamente dirigida ao público infantil, feita de modo artesanal num país com seculares tradições culturais, eruditas e populares; do outro uma produção industrial, destinada ao mercado mundial, num país construído por imigrantes e desprovido de tradições culturais (depois de examinar diversos filmes das produções Disney, Jirí Trnka chegou à conclusão de que o defeito destes filmes era “o excesso de técnica”). Note-se que os estúdios de animação de Praga não eram fábricas à americana, mas eram muito bem apetrechados e providos de desenhistas e técnicos da mais alta competência (a célebre produção francesa **O Planeta Selvagem**, que se transformou quase num filme de culto, foi inteiramente realizada em Praga, com técnicos muito mais competentes e custos muito inferiores do que teria sido o caso em Paris). O que é evidente é que as diferenças entre estas duas escolas de animação, as mais célebres de sempre, são tais que não há contradição alguma em apreciar ambas.

**Pohádka O Honzíkovi A Marence** (na bela cópia digitalizada que vamos ver Honzik foi naturalizado em João e a dada altura as legendas aludem a “rissóis”, *sic*) foi o último filme de Zeman e, contrariamente a muitos filmes de animação checa da escola clássica, foi destinado às crianças. Não há bonecos, nem atores de carne e osso, como em outros filmes de Zeman, tudo é articulado através de desenhos. Estes não procuram aludir ou

fazer *pastiches* das iluminuras medievais, o grafismo é mais simples e típico do século XX. A trama narrativa, escrita pelo próprio realizador, toma a forma de um conto de fadas, com a voz *off* de um narrador que explica os acontecimentos e indica quem é quem. E pode-se ver uma alusão política muito indireta numa das suas primeiras falas, quando é dito que só conhecemos do passado as vitórias dos poderosos (será isto uma alusão aos poderosos de fins do século XX?) e que este filme vai contar uma história de “*pessoas pequenas*”, simples mortais como o próprio espectador. Como se trata de um filme para crianças, para mais situado numa época tão longínqua que tem algo de mítica, a Idade Média, o maravilhoso coabita com o prosaico e com o realista, o recreativo é polvilhado pelo educativo, ou, para citarmos Jean-Louis Bourget, “*o projeto pedagógico modela-se no projeto artístico, ou melhor, são uma coisa só e Zeman surge então como uma espécie de salvador ou recriador de espécies desaparecidas*”. Ao sair para o mundo numa viagem que só pode ser descrita como iniciática, o jovem pastor Honzik é escoltado por três duendes, longínquos parentes dos anjos da guarda do catolicismo, devidamente complementares, um bom, um mau e um neutro – este último nunca se manifesta nem emite um único som, embora esteja sempre presente. O espectador talvez não se dê conta, mas o mesmo ator empresta a sua voz aos dois duendes que falam, o que não foi certamente uma medida de economia na produção, mas uma maneira sutil de mostrar que ambos são as duas faces do comportamento humano, encarnam as noções fundamentais de bem e mal, certo e errado, lealdade e traição. Para continuarmos no domínio da palavra, em outra inteligente e discreta ideia narrativa, durante a primeira metade do filme Honzik não pronuncia uma só palavra: só o faz quando percebe que tem como “missão” ir buscar a sua amada, quando o seu percurso passa a ter um objetivo, um sentido. Outra ideia inteligente do argumento, que não destoa num conto de fadas, é que ele vive no mundo real e ela no mundo dos sonhos – de onde sai assim que surge no filme, no princípio da sua própria viagem iniciática – o que faz com que ambos devam se transformar: ela se torna humana, ele deixa momentaneamente de sê-lo, antes que o beijo dela o metamorfoseie (beijo de princesa encantada, não de príncipe encantado, como é regra). O humor, que percorre o filme como uma corrente subterrânea, torna-se explícito na decisiva sequência do torneio, acontecimento essencial em qualquer filme situado na Idade Média. Cada um dos embates entre os cavaleiros é mostrado de modo diferente e sempre resultam no total e ridículo fracasso de um deles, antes do herói Honzik tomar o lugar do vilão e poltrão, porém fazendo-se passar por ele, merecendo plenamente aquela pela qual o outro não tivera a coragem de lutar. Todas estas peripécias são narradas de modo conciso, preciso e leve, por alguém que sabe o que está a fazer. A propósito da representação da Idade Média no filme, Sergi Sánchez, num sólido artigo sobre Zeman publicado em *Nosferatu*, observou que “*ao ignorar, como o fazia a arte medieval, a noção de perspectiva, ao jogar apenas com as formas e cores, Zeman abre um novo caminho para a representação da Idade Média: já não se trata de reproduzir a realidade suja e baça de um período sujo e baço mas de plasmar a ideia que a Idade Média tinha de si mesma. E esta encenação da «ideia» é uma encenação da «lenda», não da «História», o que prova que Zeman foi mago mesmo nos seus momentos realistas*”, o que é uma definição perfeita para o conjunto da sua arte.

Antonio Rodrigues